



SAINDO DA INVISIBILIDADE: UMA HISTÓRIA DAS ALUNAS DO PROJETO PELEJA

ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS¹; **EDIENE CRISNEI DA SILVA RUIZ²**;
JÚLIO CESAR MADEIRA³; **VAGNER NUBIAS DE MEDEIROS⁴**;
VIRGINIA MELLO ALVES⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – alinenmc@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – edieneruiz@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas- juliocesarmadeira@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas- vaguinhomedeiros@yahoo.com.br*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – vmalves@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma reflexão sobre a experiência em tempos de pandemia de um projeto de extensão, com foco na educação popular, denominado Peleja e desenvolvido com um grupo de mulheres que realizam trabalhos considerados de menor status social dentro da Universidade Federal de Pelotas. O perfil do público alvo do projeto, na maioria, são mulheres chefes de família, de meia idade, que trabalham na limpeza das unidades acadêmicas, que não possuem o Ensino Médio completo e que detêm vínculos frágeis de trabalho. Destaca-se que as trabalhadoras passam por rotatividades nos locais de atuação (Anglo, Famed, ICH, Faculdade de Direito, Campus II, Ceng, Capão do Leão...) o que gera um problema do ponto de vista da constituição de vínculos mais profundos com os servidores efetivos da instituição.

O Projeto tem como objetivo preparar as alunas para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCEEJA), reforçando conhecimentos de diversos campos da educação com a pretensão de transformar uma cultura histórica de exclusão e buscando garantir condições mais justas àquelas que também fazem parte da instituição: as mulheres terceirizadas. Cabe ressaltar que o planejamento das aulas buscar correlacionar as experiências do mundo do trabalho como princípio educativo.

Atualmente o projeto conta com mais de 40 colaboradores, incluindo servidores/as técnicos/as administrativos/as e docentes, além de alunos e alunas dos cursos de graduação de Letras, Matemática, Biologia, Física e História. Também qualificaram a equipe professores/as da rede estadual e municipal, por carregarem conhecimento tácito, enraizado na ação e experiência do indivíduo. Além de pós-graduandos/as (mestres/as e doutores/as). A dinâmica de trabalho incluiu o



planejamento dos materiais e das aulas, as reuniões periódicas e os encontros de formação.

2. METODOLOGIA

Durante o período de aulas foram aplicados dois formulários, um para a equipe pedagógica do projeto e outro para os sujeitos ao qual a proposta destinava-se. O material foi compartilhado em grupo específico “ENCEEJA” do Whatsapp e contamos com a devolução de 5 respostas. Essa ferramenta possibilitou conhecer um pouco das mulheres atendidas no projeto. Nesta pesquisa abordamos apenas um dos formulários. Apesar da divulgação, houve pouco interesse pelo feedback, apenas uma resposta foi apresentada de forma anônima.

De fevereiro até julho de 2021, o projeto ofertou aulas na modalidade síncrona aos sábados, na plataforma da WebConf, para que as alunas tivessem contato com os educadores e, assim, garantissem um espaço para tirar dúvidas sobre os conteúdos. Cada aula teve duração de 3 a 4 horas e, no total, foram realizados 23 encontros aos sábados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O relato a seguir trata de um encontro do grupo da Sociologia ocorrido de forma síncrona sobre o tema: relação trabalho/desigualdade/alienação. Na ocasião as professoras levaram como recurso metodológico imagens do fotógrafo Sebastião Salgado que retratavam cenas sobre o trabalho extenuante nas minas de ouro; outro recurso adotado foi a apresentação do curta metragem pelotense, do ano de 2010, Marcovaldo, e, a letra da música “É”, de Gonzaguinha. Aqui daremos ênfase à experiência do documentário.

O curta metragem mostrava as 24 horas de um trabalhador que exercia a função de lixeiro na cidade de Pelotas. A história iniciava com um drama familiar no qual, por falta de condições econômicas, impediu Marcovaldo de adquirir uma chuteira para o filho poder participar de um campeonato. Embora esse aspecto não sendo o mais relevante, foi o mais mencionado pelas alunas que acompanharam o filme. Para as trabalhadoras, a descoberta do tênis nos entulhos recolhidos pelos lixeiros foi o principal destaque.

O foco do curta-metragem não era a falta do calçado, mas os temas que atravessavam a rotina desempenhada pelo lixeiro. Foram inúmeras as



problematizações elencadas no filme, tal como a substituição da mão de obra humana pela mecanização. Nessa passagem os operários observavam apreensivos os caminhões de lixo que se acoplavam às lixeiras, e refletiam sobre o fim de postos de trabalho. Outros assuntos também encamparam o documentário tais como: a alienação da classe média pelotense; o comportamento desajustado de jovens universitários que, na saída da universidade, consumiam bebidas e, alterados pelo alcoolismo, desrespeitavam os locais apropriados para depositar o lixo consumido; e, por fim, o desrespeito da sociedade com os profissionais da limpeza.

Tendo as trabalhadoras uma preocupação voltada para as necessidades urgentes do dia a dia, demonstraram um distanciamento da compreensão das outras mensagens para além do aparente e uma certa alienação quanto à categoria trabalho desvelada no curta metragem.

Chauí (2004), partindo do referencial marxista, define alienação como a incapacidade dos trabalhadores de se reconhecerem como autores ou produtores das mercadorias. Ainda mais grave é o fato de que os trabalhadores acreditam que as mercadorias valem o preço que custam e que não podem tê-las porque valem mais do que eles. Os operários não se reconhecem mais como produtores das riquezas e das coisas.

A partir desse episódio, a equipe da coordenação pedagógica buscou compreender quem eram essas mulheres que pertenciam ao projeto, o que as impediu de concluir o ensino “na época regular”, o que as motivou para o retorno ao estudo e que condições de acesso possuíam.

Comente o principal motivo que impediu a conclusão dos estudos no tempo “regular”:

Difícil acesso

Rodei na quarta série e não quis mais estudar

A falta de oportunidades

Trabalho

Falta de organização

(Fonte da autora, 09/04/2021).

Comente uma razão da volta aos estudos:

Sempre tive vontade de terminar os estudos para poder ter uma profissão

Pra ter um trabalho melhor

Pensando num futuro melhor

Para ter mais oportunidade para trabalhar



Busco foco nos estudos

(Fonte da autora, 09/04/2021).

Existe algum problema que te impede de acompanhar o curso? Explique, por favor.

Sim, eu trabalho aos sábados

Não

A correria do dia a dia. E não poder assistir as aulas por causa do trabalho

Tem dias que estou trabalhando

Recurso

(Fonte da autora, 09/04/2021).

A avaliação que fazemos do relato das mulheres terceirizadas vem no sentido de que pessoas com marcas psicológicas (reprimidas), excluídas da educação formal e à margem do mercado e que, ao retornarem sua trajetória de estudo, através dos cursos ofertados pelos institutos federais e universidades, podem desenvolver uma perspectiva de mudança na perspectiva Gramsciana. O processo envolveu a compreensão do seu papel na sociedade e o potencial que carregam como sujeitos que aprendem e ensinam, redescobrindo-se como agente para a transformação social.

4. CONCLUSÕES

O formulário evidenciou que o trabalho é o principal entrave no acesso dessas mulheres à educação. Se outrora foi fator decisivo para a evasão, atualmente também representa o empecilho ao retorno. As condições materiais e econômicas da infraestrutura acabam determinando o acesso delas à ascensão para condições mais dignas. Romper o ciclo da exclusão, da desigualdade, da falta de oportunidades e da violência simbólica da educação é um desafio para as mulheres deste estudo. O passo inicial é reconhecer-se como elemento importante no ambiente e, paralelamente, devolver a essas trabalhadoras o direito à educação de qualidade e dos sonhos que ficaram no caminho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. Filosofia–Série Novo Ensino Médio. **Volume Único**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.